

ROCK'N'ROQUE: OS ANOS OITENTA

Elisa Cristina de Proença Rodrigues Gallo

Rosa Maria Neves da Silva

— UFMG —

Para Ricardo, senior rocker,  
pelo apoio técnico e moral.

Para João e Pedro, junior  
rockers, pelas aulas diárias.

Para Sílvia, baby rocker,  
pelo sorriso que dissolve o  
cansaço.

Contestador e contestado, o rock tem sobrevivido às mudanças rápidas do cenário mundial, não se perdendo em permanecer velho quando o novo está sempre à sua volta, ou imóvel quando o mundo teima em ficar velho diante da inevitável força jovem.

Com força total, o rock inglês das duas últimas décadas fez surgir um movimento de sonoridade discutível, barulhento, descobridor de grandes instrumentistas, incompreensível aos ouvidos mais sensíveis; um movimento que coloca seu protesto na ênfase aos metais e ao som agudo.

Chamado genericamente de heavy metal, esse rock tem recriado velhos estilos — como o jazz, o blues e o reggae — tem tentado incursões (nem sempre bem sucedidas) no campo clássico e acionado formas futuristas ainda não inteiramente definidas. Em sua trajetória desperta mercados antes inteiramente improdutivos no campo: Austrália, Alemanha, França, Irlanda e até o Ja-

pão. Em todos, a marca de um mundo tão vasto quanto aldeia global: a mesma batida perseguindo temáticas de interesse regional ou universal.

O heavy metal inglês, que no dizer de Peter "Biff" Byford a pareceu porque "as pessoas estavam cansadas do punk, do mod e do reggae; cansadas de gostar do que lhes era imposto pela imprensa e o rádio ingleses"<sup>2</sup>, despertou de repente a barulheira do mundo. Parecendo por um lado ter parado no tempo dos cabelos longos, transporta na maquiagem pesada dos metaleiros, na roupa de aspecto primitivo em couro e tachas, a figura do anjo e do andróide, - ambos emasculados - como a conduzir a idéia de um planeta também indefinido. O grupo ANGEL, por exemplo, ao se vestir de branco, contrasta o símbolo de pureza com invariáveis incursões através de um universo de explosões sexuais.

Nesse particular, a postura à primeira vista bissexual do metaleiro se confunde entre a musculatura nua e visível de bateristas e guitarristas e o olhar perdido e lânguido entre longas mechas louras. Estranhamente não nos parecem travestis, mas assexuados. Modismos à parte, repetem na aparência a história de tantos manifestantes da arte.

Super-heróis de um cotidiano adulto incompreensível, são super-homens do nada, muitas vezes imobilizados, apesar do movimento eletrizante do palco. Assim, a música e a performance do KISS "permite que a platéia reviva fantasias das histórias em quadrinhos numa viagem pelo mundo do inacreditável e do espanto so."<sup>3</sup> São heróis tão inatingíveis e irreais quanto os sonhos que cantam. Combatentes e audazes, são quixotes da estratosfera: têm os pés fincados num terreno mais alto que a realidade - o palco - mesmo porque talvez a luta do mundo real seja invençível. Nesse campo de batalha, derramam inofensivo sangue-de-catchup:

"Sunday bloody sunday

. . .

And the battles just begun

There's many lost, but tell me who has won?

The trenches dug within our hearts

And mother's children, brothers, sisters torn apart

. . .

And it's true we are immune

When fact is fiction and TV is reality."

(U2, "Sunday Bloody Sunday")

Ainda no terreno do irreal, podem negar sua crença religiosa:

"don't need no blind belief

. . .

don't need no time for prayer

. . .

don't need no Santa Claus."

(MOTÖRHEAD, "(Don't need) Religion")

mas na verdade são místicos e conclamam deuses e satãs em seu protesto. Não reconhecendo líderes confiáveis, procuram no desconhecido e no intocável a idealização do visível. Explodindo numa Europa rasgada pelo desconcerto da guerra, imprensada pela força do passado, pesada pela responsabilidade de sobreviver num planeta invadido pela tecnologia e a ansiedade de um futuro ao mesmo tempo desejado e temido, o rock faz troar no palco suas falsas bombas contra os eternos bombardeios da História. Seu mundo fica povoado de bruxas e demônios, de anjos demolidores, satãs invasores e deuses punidores:

"Now in darkness world stops turning  
As you hear the bodies burning  
No more war pigs have the power  
And as God has struck the hour  
Day of judgement, God is calling  
on their knees the war pigs crawling  
Begging mercies for their sins  
Satan laughing spread his wings  
All loggerhead."

(BLACK SABBATH, "War Pigs")

O rock repete a encenação medieval e, à maneira da consagrada literatura inglesa, canta o oculto, o mágico, o anticristo. Desafia o clero e a sociedade conservadora, para ele responsáveis por uma geração criada do medo. Rejeita sua imposição dogmática, convoca uma nova ordem de crença — a dos deuses metaleiros:

"Against the odds, black metal gods  
Fight to achieve our goal  
Casting a spell, leather and hell  
Black metal gods rock'n'roll  
Building up stream, nuclear screams  
War heads are ready to fight  
Black leather hounds; faster than sound  
Metal our purpose in life  
Black metal  
Lay down your soul to the gods rock'n'roll."

(VENOM, "Black Metal")

Até mesmo se batiza JUDAS PRIEST ...

Nesse caminho de contestação, fala do mundo ocidental domi

nador, anuncia um porvir alucinado e justiceiro. Para ele, o do minador ocidental se insinua forte, tirânico:

"Rullin' like a tyrant  
Teasin' ev'ryone around  
He drags his legs, he plants his feet  
He's botherin' the ground  
Here and now this man  
You see plans his terror free  
He's born to rule, a king to be"  
(ACCEPT, "Breaker")

controlador da mente, usurpador e dilatador do mal:

"They are controlling our minds  
And they use us for fame and fortune."  
(BLACK SABBATH, "Born Again")

Contra o fantasma também barulhento e destruidor da guerra, Ozzy Osbourne, idolatria roqueira, símbolo máximo dos mais duradouros dessa loucura frenética, grita seu protesto demolidor:

"Gen'ral's gathered in their masses  
Just like witches at black masses  
Evil minds that plot destruction  
Sorcerers of death construction  
  
In the fields are bodies burning  
As the war machine keeps turning  
Death and hatred to manking  
Poisoning their brainwashed minds  
All loggerheads."  
(BLACK SABBATH, "War Pigs")

Atenta a um planeta cinzento, oposto ao do verde-limão, do roxo e do amarelo fosforescente, frente a uma multidão conformista de cabelos penteados, disciplinada e monótona, a ala punk do rock desacredita um sistema que joga de maneira irresponsável com a vida:

"In Europe and America there's a growing feeling of  
hysteria

Conditioned to respond to all the threats  
In the rethorical speeches of the Soviets  
Mr. Krushev says we will bury you  
I don't subscribe to this point of view  
It would be such an ignorant thing to do  
If the Russians love their children too.

How can I save my little boy from Oppenheimer's  
deadly toy

There's no monopoly of common sense  
on either side of the political fence

. . .

There's no such a thing as a winnable war  
It's a lie we don't believe anymore  
Mr. Reagan says we will protect you  
I don't subscribe to this point of view."

(STING, "Russians")

O punk, amargo e severo com uma sociedade que não lhe permite atingir seu patamar mais alto, não acredita numa estrutura que só o subjuga:

"Have no faith in constitution."

(POLICE, "Spirits in the material world")

Não encontra seu espaço na classe dominante que sempre tem a palavra — esta, instrumento de submissão imposto pelo poder:

"Poets, Priests, and Politicians  
have words to thank their positions,  
words that scream for your  
submission and no one's jamming  
their transmission.

. . .

When their eloquence escapes me  
their logic ties me up  
and rapes me."

(POLICE, "De Do Do Do De Da Da Da")

Contra a palavra imposta, o punk tem o visual e o comportamento agressivos. Nessa guerra desigual, não há espaço para murmúrios: é preciso gritar. O roqueiro se posiciona então do alto do seu palco como observador arguto da sociedade, sem falsos moralismos, sem ditar regras. É comentarista de dedo em riste, é cobrador persistente: Persiste também na guarda do seu amor:

"Every move you make, every vow you break  
every smile you fake  
every claim you stake, I'll be watching you."

(POLICE, "Every Breath you Take")

Assim, como qualquer mortal, sucumbe diante da química da sedução amorosa e é romântico à sua maneira. Canta seu amor em meio a sons estridentes, mas é também capaz de quebrar o ritmo de sua batida feroz tornando-se cantor de baladas e canções. É aqui que a alquimia metálica se desdobra e redobra, derretendo músculos de aço quando vozes melodiosas, quentes e viris, antes

sufocadas por um som mecânico sempre mais alto, surgem límpidas garantindo que:

"Love, only love can win back your love someday"  
(SCORPIONS, "Still loving you")

reforçando a persistência do amor, ou lamentando — como em tantas baladas tradicionais — sua perda ou seu fim:

"How can you just walk away from me  
when all I can do is watch you leave?  
'Cause we shared the laughter and the  
pain and even shared the tears ..."  
(PHIL COLLINS, "Take a look at me now")

tornando-se melosas e até infantis nesse enredo inescapável e muitas vezes inesperado. Surpreendentemente, em meio a tanto ruído, o DEFF LEPPARD é "um leopardo romântico"<sup>4</sup> que, coerente com esse inferno sonoro, grita num gemido seu lamento.

Em algumas ocasiões, o rock pesado se apresenta agudamente erótico. Mas aqui uma surpresa: o sexo não constitui tema da primeira linha do rock pesado. Ele pode ser romântico ou agressivo, mas raramente pornográfico. Nesse aspecto, em relação ao rock brasileiro, um heavy relativamente mais comportado, o rock de língua inglesa parece até mais conservador.

Abre-se aqui um espaço para que mencionemos a mulher do rock inglês. Na última década, dentro de um cenário de clara hegemonia masculina, nomes importantes surpreenderam o palco com apresentações tão arrogantes quanto aquelas de seus pares masculinos. Ao contrário de muitos deles, no entanto, a roqueira se fez erótica e feminina. Mesmo no cômodo de Nina Hagen, a feminilidade brota no protesto agudo contra a situação política euro-

pêia e Madonna traz de volta o sutiã de renda à mostra enquanto, paradoxalmente, canta "Like a Virgin". Românticas, não são apenas a "material girl" reclamada por Madonna.

Finalmente, num outro plano, contemplamos a poesia mística de composições épico-futuristas, como as de Peart, do grupo canadense RUSH:

"The Tobes of Hades Lite By Flickering Torchlight  
The Netherworld is Gathered in the Glare,  
Prince By-Tor Taket of the Cavern To the Northlight,  
The Sign of Eth Is Rising In the Air,  
By-Tor Knight of Darkness,  
Centurion of Evil, Devil's Prince"

(RUSH, "By-Tor and the Snow Dog")

e os enredos saídos da ficção científica barata dos anos 30.

Inegavelmente criador apesar da sua batida um tanto monótona, o rock ganha terreno a cada dia. Por isso, doa a quem doer, é preciso reconhecer que ele é hoje universal. Como tal é também uma realidade nossa, cuja prova conclusiva se encontra na aceitação patente do rock verde-amarelo pela juventude brasileira.

Em meios mais puristas pode parecer que tal devoção a uma cultura de origem estrangeira se traduza simplesmente como alienação da juventude. Não é bem assim... Importam-se elementos culturais alienígenas em outros campos — das teorias literárias e psicanalíticas à tecnologia da informática. Admiram-se e aplaudem-se os bons músicos do rock internacional e cria-se no país um rock que, embora tendo suas origens musicais no estrangeiro, apresenta uma temática inteiramente própria.

É o jovem engajado em problemas políticos, contestador de valores ou pseudovalores de sua sociedade; são as críticas irre-

verentes, irônicas, ambíguas que ridicularizam em tom jocoso os exageros, a hipocrisia, o materialismo, a falta de limites da uma sociedade de final de século.

A ironia freqüente varia de um nível puramente de pilhéria para alcançar, por vezes, os patamares de uma sátira ferrenha. Mas, a exemplo do rock de língua inglesa, não se exclui desta extensa temática o lado romântico: o rival, o amor que se foi, a saudade, a esperança de dias melhores.

O jovem participa dos problemas de sua década e vive os sentimentos próprios à sua idade.

Universal em sua linguagem sonora, o rock brasileiro apresenta uma lírica diversa, muitas vezes entremeada de termos dialetais, coloquiais e gírias; usa de paradoxos, trocadilhos e ambigüidades na expressão do seu lado humorístico e, estilisticamente, varia da simples contestação à poesia elaborada.

Aqui se misturam estilos como o brega — receita brasileira inusitada — o pauleira e o romântico. É o espírito roqueiro de tonado no Brasil, o acender do pavio da dinamite que já se encontrava no subsolo e que de uma só vez vem à tona num formidável "boom" de cantores e grupos de rock.

Se voltássemos num rápido retrospecto aos anos pré-80, encontraríamos o reino do rock no Brasil — a não ser por adaptações de letras estrangeiras — sob a regência una e absoluta de RITA LEE.

É ela quem se autodefine e, por extensão, o roqueiro brasileiro:

"Eu tô ficando velho,  
Cada vez mais doído varrido,  
Roqueiro brasileiro  
Sempre teve cara de bandido!"

(RITA LEE, "Ôrra Meu")

E Rita estava certa. Antes da explosão dos conjuntos nos últimos três anos o roqueiro brasileiro transitava nas raías da marginalidade.

Parecem também ser de Rita os primeiros passos em um estilo de crítica irreverente e bem-humorada, hoje característica marcante e típica do rock nacional.

As estruturas sócio-morais são questionadas. Assim, os prazeres do sexo, por tanto tempo escondidos nas rendas e babados dos lençóis das vovós, passam ao extremo oposto de uma hipervalorização. Sexo é assim como droga: excitação, prazer e dependência:

"Passo o dia inteiro imaginando meu bem  
Na cama, no chuveiro, no trampo, sempre tão blazé  
É uma neurose  
Uma overdose  
Sou dependente do amor."

(RITA LEE, "On the Rocks")

Longe vai o tempo da passividade de Amélias e Emílias que sabiam lavar e cozinhar. A roqueira se declara "boa de cama, de mesa, de banho." (RITA LEE, "Yoko Ono")

Mas a ironia não impede que o sentimento romântico venha à tona, marcado por uma cadência mais suave.

Em contrapartida, a crítica ferrenha surge quando é dado o enfoque político. O Brasil de Gonçalves Dias, com palmeiras e sabiás, vira o deboche de:

"Minha terra tem prânetas  
Onde canta o uirapuru,  
Tem morcego, borboletas,  
Tem santinho, tem voodoo."

A posição anticolonialista faz com que a cultura do opressor se  
ja questionada:

"Entre russo e americano,  
Prefiro gregos e troiano,  
Pelo menos eles num fala  
Que nós é boliviano."

(RITA LEE, "Pirarucu")

Mais explícita ainda é a crítica à situação econômica atual do Brasil, onde desfilam nominalmente, um a um, os políticos da época: Jânio - "filoporquequilo-", Andreazza - "galã da várzea -", "o sinistro Delfim com a pança cheia de cupim". O refrão é carregado de ironia:

"Oh! Oh! Brasil  
Quem te vê e quem te viu  
Pra frente, pra frente que até caiu."

Numa referência ao nosso hino nacional a roqueira termina pedindo  
do socorro:

"Incêndio! Incêndio! Incêndio!  
Pegou fogo o berço esplêndido."  
(RITA LEE, "Arrombou o Cofre")

Nas raias deste nacionalismo, nas promessas de mudança e renovação de uma Nova República, os cantores e grupos de rock e  
clodem pelo país. "A MPB tradicional está se repetindo, o públic  
co sente isso e os músicos iniciantes também. Então o rock foi  
sendo adotado naturalmente como uma forma de renovação. Além  
disso, o rock pintou no Brasil em circunstâncias parecidas com

as do seu surgimento nos E.U.A. Lá o rock apareceu no pós-guerra, como desafogo de uma época tensa. Aqui ele chegou com o fim da ditadura. O samba não serviria como trilha sonora dessa época em que vivemos, porque é um gênero conformista, que exalta a miséria."<sup>5</sup>

Como aquele que lhe deu origem, o rock nacional também não foge à repetitividade melódica, talvez por ser um gênero musical essencialmente simples.

Sem berço tropical, chega ao Brasil já pronto, não para ser copiado, mas para renascer.

Assumindo personalidade verde-amarela adquire, a cada dia, identidade própria, contornos típicos e particulares.

A cadência em si já diverge da do estrangeiro. "O músico de rock brasileiro desenvolveu um balanço próprio a partir deste produto importado. Desenvolveu uma capacidade de improvisação própria. Todo músico brasileiro, por mais que renegue o samba e o carnaval, é influenciado por estes ritmos ao pegar num instrumento."<sup>6</sup>

O humor é um elemento de extrema importância no rock nacional, ao contrário do que ocorre com seu equivalente estrangeiro. Essa característica reflete-se em letras de músicas — desde as marchinhas de carnaval — o posicionamento do povo brasileiro na sua incrível capacidade de se auto-ridicularizar, de rir de si mesmo.

Surgindo num momento de catarse, após vinte anos de repressão, o rock envereda por esta trilha bem-humorada de desafogo, de liberação, de alegria e jovialidade.

"A gente não sabemos  
Escolher Presidente  
A gente não sabemos  
Tomar conta da gente

A gente não sabemos  
Nem escovar os dentes  
Tem gringos pensando  
Que nós é indigente

. . .

Inútil,  
A gente somos inútil."

(ULTRAJE A RIGOR, "Inútil")

O roqueiro é o crítico do hábito brasileiro de aceitar tudo que lhe é imposto pela mídia, sem contestação:

"Não passava de um imbecil  
Até que um produtor o descobriu  
Até que o imbecil não era de todo mau.  
Transformou-se num sucesso nacional  
Apesar do discutível valor."

(ULTRAJE A RIGOR, "Jesse Go")

Algumas pitadas de humor negro são por vezes encontradas. É o caso do grupo PREMEDITANDO O BREQUE, que nos apresenta um "Balão Trágico" — paródia do superpopular infantil "Balão Mágico", onde tudo são cores, fantasia, superfantástico, ou que propõe uma lua-de-mel em Cubatão, em crítica áspera à superpoluição da cidade.

Como em qualquer outro gênero literário — a tragédia e o melodrama, a comédia e a farsa — há também que se considerar os extremos e os exageros do rock nacional com proposta puramente comercial: o humor é trocado por piadas fáceis e ridículas, a pobreza musical da melodia sofre uma tentativa de camuflagem com aparatos de estúdio: metais, sintetizadores e distorções.

Segundo Roger Rocha Moreira, este produto final que impres

siona não é rock, mas "rockokó".<sup>7</sup>

Este exagero se mostra na insistência da versão-paródia, no erotismo pornográfico — por vezes censurado — na ambigüidade intencionalmente grosseira:

"Sônia, sempre que eu te vejo  
Eu não durmo  
Sônia, é por você que eu me perturbo.  
. . .  
Sônia, chega mais aqui, fica bem juntinho  
Sônia, vamos nesta festa  
Fazer um trenzinho  
Você vai na frente que eu vou atrás."  
(LEO JAIME, "Sônia")

Aqui Leo Jaime tenta parodiar "Sunny", de Chris Montez. A versão brasileira original apresentava a palavra "masturbo"<sup>8</sup> — censurada — ao invés de "perturbo". A vulgaridade está presente no duplo sentido do último verso.

À parte o exagero, e a ambigüidade intencional, seja através do aspecto metafórico ou de um leve toque de humor, sugere interpretações eróticas inesperadas.

"Ela não me dá atenção  
É porque eu não tenho grana  
Porque se eu tivesse  
Ela dava. Ah! dava." (Grifo nosso.)  
(LEO JAIME, "O Pobre")

Ou ao usar jargões bastante popularizados propõe associações particularmente saborosas, de tom leve e jocoso, bem próprio da linguagem juvenil:

"Na madrugada, na mesa do bar  
Loiras geladas, vêm me consolar."  
(R.P.M., "Loiras Geladas")

A temática sexo/prazer, em oposição ao rock de língua inglesa, aparece constantemente. O roqueiro advoga a vitória do amor livre, sem preconceitos ou barreiras. A monogamia é questionável, assim como a obediência aos padrões sócio-morais preestabelecidos e a anulação da personalidade de um ou de outro em prol do parceiro. Celebra-se a filosofia Carpe Diem e o hedonismo — o prazer pelo prazer.

Um dos bons exemplos desta nova visão de coisas vem na história do rapaz que se descreve como "moreno alto, bonito e sensual ... carinhoso ... bom tipo social" e oferece à parceira a chance de solucionar os seus problemas através de "um relacionamento íntimo e discreto" e de "um amor sem preconceito". (HERVA DOCE, "Amante Profissional")

Tenta-se evitar vínculos ou comprometimentos amorosos. Os namorados se tornam objetos típicos de uma sociedade capitalista — consumíveis e descartáveis.

"Mas o que ela gosta é de namorados descartáveis  
Do tipo one-way, to tipo one-way, do tipo one-way."  
(CICLONE, "Tipo One Way")

O amor e o sexo devem ser mantidos tão puros quanto no Dia da Criação, livres de limites e restrições:

"Tudo azul  
Adão e Eva  
E o paraíso

Tudo azul

Sem pecado e sem juízo."

(BABY CONSUELO, "Sem Pecado e Sem Juízo")

Existe ainda um requisito de fundamental importância dentro do relacionamento amoroso: a individualidade e a autenticidade devem ser mantidas a qualquer preço. É o fim do sufocamento, do estrangulamento, da anulação da personalidade para bem servir ou se enquadrar nas demandas e requisitos do outro.

"Você não manda em mim

Eu não mando em você

Eu só faço o que eu quero

Você só faz o que quer

Nós somos livres

Independente Futebol Clube."

(ULTRAJE A RIGOR, "Independente Futebol

Clube")

Apesar de tanta liberdade e inovação, as histórias de amor seguem o mesmo curso das suas antepassadas. A conquista do ser amado continua sendo uma arte.

"Tenho tudo planejado pra te impressionar

. . .

Tenho tudo ensaiado pra te conquistar

. . .

Eu tenho um bom papo

Eu sei até dançar

. . .

Eu jogo charme . . ."

(LEO JAIME, "A Fórmula do Amor")

O romantismo vem à tona em sentimentos antigos de insegurança e ciúme oriundos do amor:

"Eu quero levar  
Uma vida moderninha  
Deixar minha menininha  
Sair sozinha  
Não ser machista  
E não bancar o possessivo  
Ser mais seguro  
E não ser tão impulsivo  
Mas eu me mordo de ciúme."  
(ULTRAJE A RIGOR, "Ciúme")

E aparece também nas queixas de amantes traídos ou abandonados:

"Percorri de trás pra frente o dial  
E nada  
E ouvi mais de mil canções no rádio  
E nada  
Ou trocou a programação  
Ou será que você se desligou  
Mudou, sumiu  
Saiu do ar  
De uma vez  
Que saudade de ouvir a tua voz."  
(ROUPA NOVA, "Fora do Ar")

Ainda no plano romântico, o roqueiro se mostra muitas vezes um ser absolutamente só, com uma sensação de vazio lhe infiltrando a alma e o coração.

A sociedade altamente competitiva impõe a lei do egoísmo: cada um por si. A rotina do dia-a-dia entedia, sufoca, oprime, mata aos poucos.

"Será que existe alguém  
Ou algum motivo importante  
Que justifique a vida  
Ou pelo menos esse instante."

(KID ABELHA, "Lágrimas de Chuva")

"Um dia a monotonia tomou conta de mim  
É o tédio, cortando meus programas  
Esperando o meu fim."

(BIKINI CAVADÃO, "Tédio")

A crítica a valores sócio-morais aparece sob as mais diferentes formas. Ora é a doméstica que vira patroa e vice-versa, provocando uma inversão de valores (EDUARDO DUSEK, "Doméstica"), ora é a sátira aos mercenários da música, onde a letra sugere a dependência dos brasileiros/índios/subdesenvolvidos:

"Mim quer tocar  
Mim gosta ganhar dinheiro  
. . .  
Mim é batuqueiro  
Mas mim precisa ganhar."

(ULTRAJE A RIGOR, "Mim Quer Tocar")

Ou é ainda o garoto adolescente que recebe tudo pronto dos pais e rebela-se por não ter contra o que se rebelar, o que, na sua opinião, fará dele um sujeito anormal e imaturo.

"Meus dois pais  
Me tratam muito bem  
. . .  
Me dão muito carinho  
. . .  
Me compreendem totalmente  
. . .  
Meus pais não querem  
Que eu seja um cara normal."

(ULTRAJE A RIGOR, "Rebelde Sem Causa")

É esse, paradoxalmente, um desabafo às barreiras impostas aos jovens e ao seu comportamento.

Ora é o materialismo do mundo moderno:

"Ela não gosta de mim  
Mas é porque eu sou pobre."

(LEO JAIME, "O Pobre")

Ou a cultura importada que recebe também uma carga de cinismo e ironia.

"É a última moda  
Que chegou de Nova Iorque  
E deve ser bom  
Como tudo que vem do Norte  
Vai pegar ...  
E você vai copiar."

(LEO JAIME, "Aids")

Os roqueiros não perdoam sequer os valores estéticos da beleza clássica:

"As meninas do Leblon não olham mais pra mim  
(eu uso óculos)."

(PARALAMAS DO SUCESSO, "Óculos")

e à maneira da MPB contestam continuamente a intransigência e o despotismo da Velha República.

.....  
Não críticos, mas ávidos leitores, também nós não escapamos ao apelo do rock, mesmo entendendo que é preciso ler tanto Dylan Thomas quanto William Golding, Alice Walker ou Leo Buscaglia, Guimarães Rosa ou Chico Buarque, cada um dentro de seu contexto literário, artístico, social, lingüístico. Optamos, talvez para espanto de alguns, por jovens autores/cantores de uma área simplesmente outra dentro do vasto campo literário-artístico-musical. Descobrimos poetas refinados, críticos ferrenhos, cancioneiros suaves.

Ao tentarmos esta leitura não tencionamos defini-los cruelmente ou criticá-los à luz de quaisquer teorias preconcebidas, procurando assim não trancá-los hermeticamente dentro ou à parte de qualquer movimento já estabelecido. Nem levamos em conta seu valor artístico, tentando estabelecer desta forma um universo de estudos bem amplo.

Procuramos entendê-los, sentir sua postura diante do mundo, provar de seu relacionamento com a vida. Percebemos um roqueiro engajado nos problemas de seu tempo, atento, não tão isolado quanto muitos de seus precursores dos anos 60, nem tão radical.

Preservador do amor legítimo, por excelência participante da sociedade — na medida em que não se aliena na improdutividade ou na crítica passiva — é sério sem ser sisudo no trato desse tempo tão paradoxalmente dito seu.

Comerciante sim, pois que fruto de uma sociedade marcada pelo consumismo; não mais o eterno lamentador sobrevivente do

pós-guerra ... mas talvez o antecedente de outras tantas, embo  
ra contra isto se posicione.

Conservador em seus valores, combina a postura e o visual de vanguarda, detonando uma dicotomia roqueira de ambigüidades e dualidades surpreendentes que lhe permitem articular um som pesado e agudo com histórias, gritos, lamentos e poesia variados bem como manipular língua e linguagem em torno do recado di  
reto ou da mensagem dissimulada, metafórica, desinibida, não preconceituosa.

Para nós e para muitos resta então a pergunta: Que rock é esse, assustador e barulhento? Até quando estará quebrando o si  
lêncio do mundo? Até onde conseguirá levar sua energia visceral? Que valores terá ele de fato rompido ou interrompido?

Como qualquer manifestação artística ou cultural, sofre e sofrerá controvertidos aplausos, desajeitadas críticas. Na verdade sentimos que os caminhos do rock são por demais amplos e variados. Sequer temos resposta para como chegará à madura idade o colorido punk ou o metaleiro tatuado.

Serão eles gregos-heróis-futuristas?

Mas entendemos que nenhum protesto é tão amargo que se invalide ou tão irreverente que se desconcerte; nenhum lamento tão sofrido que não se cure, nenhuma manifestação artística de  
sa amplitude tão inútil que não deixe marcas.

No protesto, na alegoria, no humor leve ou mesmo no nonsen  
se as histórias do rock estão aí para preencher a História sempre controvertida da Música.

O que será dos valores questionados, cobrados ou propostos pelo rock parece não ser de fácil previsão. Afinal, muitos previram a morte tenra dos Beatles . . . Por outro lado, LULU SAN  
TOS continua afirmando que:

"Nada do que foi será  
De novo do jeito que já foi um dia  
Tudo passa, tudo sempre passará..."  
(LULU SANTOS, "Ondas")

Outubro, 1985.

NOTAS

<sup>1</sup> A expressão "rock inglês" é usada neste artigo para designar quaisquer composições do gênero escritas em língua inglesa e não somente aquelas produzidas na Grã-Bretanha.

<sup>2</sup> Encyclopedia Metallica, Prefácio, 1985.

<sup>3</sup> Encyclopedia Metallica, p. 35.

<sup>4</sup> Rock Passion, nº 3, p. 6, 1985.

<sup>5</sup> Roger Rocha Moreira, líder do grupo ULTRAJE A RIGOR, em entrevista à revista Veja de 14/08/85, p. 5-8.

<sup>6</sup> Roger Rocha Moreira, Veja, 14/08/85, p. 8.

<sup>7</sup> Roger Rocha Moreira, Veja, 14/08/85, p. 6.

<sup>8</sup> Rock Verde Amarelo, nº 2, p. 7, 1985.

BIBLIOGRAFIA

CANTE COM . . . São Paulo, ano 11, nº 7. Imprima Comunicação E  
ditorial Ltda., 1985.

ENCYCLOPEDIA METTALICA. HARRIGAN, Brian & DONNE, Malcolm.  
Southampton: The Camelot Press, Ltd., 1985.

METAL. Rio de Janeiro, ano 1, nº 12. Diagrama Editora Ltda.,  
1985.

ROCK BRIGADE. Ano 11, vol. 9, 1983.

ROCK BRIGADE. Ano 111, vol. 13, 1984.

ROCK PASSION. São Paulo, ano 11, nº 3. Editora Promocional  
Ltda., 1985.

ROCK STARS. São Paulo, nº 16. Imprima Comunicação Editorial  
Ltda., 1985.

ROCK VERDE E AMARELO. São Paulo, ano 1, nº 2. Imprima Comunica-  
ção Editorial Ltda., 1985.

ROLL. Rio de Janeiro, ano 11, nº 21. Diagrama Editora Ltda.,  
1985.

SÉRIE OURO INTERNACIONAL. São Paulo, ano 11, nº 9. Imprima Comu-  
nicação Editorial Ltda., 1985.

VEJA. São Paulo, 14/08/85, p. 5 a 8. Editora Abril.

VIVA CANTANDO. São Paulo, ano VIII, nº 79. Imprima Comunicação  
Editorial Ltda., 1985.

DISCOGRAFIA

ABSYNTHO. "Palavra Mágica". ABSYNTHO. RCA, 1985.

"Lobo"

"Prova de Amor"

ACCEPT. "Breaker". BREAKER. Epic, 1981.

"Midnight Mover". METAL HEART. Epic, 1985.

AC/DC. "Highway to Hell". HIGHWAY TO HELL. Atlantic,

"Back in Black". BACK IN BLACK. Atlantic, 1984.

"Hell's Bells"

"Rock'n'Roll ain't no Pollution"

"For those about to rock (we salute you)". FOR THOSE

ABOUT TO ROCK, Atlantic.

BABY CONSUELO. "Barrados na Disneylândia". KRYSHNA BABY. SIGLA,

"Que Delícia". BABY & PEPEU. CBS, 1985. 1984.

"Sem Pecado e sem Juízo"

BARÃO VERMELHO. "Milagres". MAIOR ABANDONADO. Opus, 1984.

"Maior Abandonado"

BLACK SABBATH. "War Pigs". PARANOID. NEMS/RGE, 1972.

"Paranoid"

"Iron Man"

"Electric Funeral"

"Hot Line". BORN AGAIN. Vertigo/Polygram, 1983.

"Trashed"

"Zero the Hero"

"Born Again"

"Keep it Warm"

"Digital Bitch"

"Disturbing the Priest"

BIKINI CAVADÃO. "Tédio". TÉDIO. Polygram, 1985.

BLITZ. "Biquíni de Bolinha Amarelinha". RADIOATIVIDADE. Emi/  
Odeon, 1983.

"Você não soube me amar". AVENTURAS DA BLITZ Nº 1.  
Odeon, 1982.

"Xeque-mate". AVENTURAS DA BLITZ Nº 5. Emi/Odeon, 1985.

CICLONE. "Tipo one-way". DELÍCIA. Polydor, 1985.

"Delícia"

CINDY LAUPER. "Time after Time". CINDY LAUPER & FRIENDS. Som  
"Girls just wanna have fun" Livre, 1985.

DEEP PURPLE. "Perfect Strangers". PERFECT STRANGERS. Polydor,  
1985.

"Smoke on Water". MACHINE HEAD. Purple Records,  
"Pictures of Home" 1971.

"Never Before"

DR. SILVANIA & CIA. "Taca a mãe pra ver se quica".

"Eh! Oh!"

EDUARDO DUSEK. "Doméstica".

"Troque seu cachorro por uma criança pobre"

FEVERS. "Troca, troca".

GIRLSCHOOL. "Breaking the Rules". PLAY DIRTY. Bronze/Polygram,  
1983.

HERVA DOCE. "Amante Profissional".

JUDAS PRIEST. "Trouble Shooter". POINT OF ENTRY. CBS, 1981.

"Solar Angels"

UNLEASHED IN THE EAST. Hammersmith/Odeon, 1983.

KID ABELHA E OS ABÓBORAS SELVAGENS. "Seu Espião". SEU ESPIAÇO.

"Como eu Quero"

Emi/Odeon, 1984.

"Pintura Íntima"

"Lágrimas e Chuva". EDUCAÇÃO SENTIMENTAL. WEA,

1985.

KIKO ZAMBIANCHI. "Choque".

KISS. "I Love It Loud". CREATURES OF THE NIGHT. Polygram, 1982.

"Creatures of the Night"

"Rock'n'Roll Hell"

"Saint and Sinner"

"Danger"

"Lick It Up". LICK IT UP. Polygram, 1983.

"All Hell Is Breakin' Loose"

"Burn Bitch Burn". ANIMALIZE. Polygram, 1984.

"Heaven's On Fire"

"Thrills In the Night"

LEGIÃO URBANA. "Geração Coca-Cola". LEGIÃO URBANA. Emi/Odeon,

"O Reggae"

1985.

"Petróleo do Futuro"

LEO JAIME. "Telma eu não sou gay".

"Abaixo a depressão"

"Só"

"Vem ficar comigo". SESSÃO DA TARDE. CBS, 1985.

"Aids"

"É, Eu Sei"

"A Fórmula do Amor"

"As Sete Vampiras"

"O Pobre"

"Sônia"

"Rock and Roll Music"

"O Crime Compensa"

"Solange"

LULU SANTOS. "Certas Coisas". TUDO AZUL. Odeon, 1984.

"Tudo Azul"

"Ondas".

MADONNA. "Like a Virgin". LIKE A VIRGIN. WEA, 1985.

"Material Girl"

"Angel"

MANOWAR. BATTLE HYMNS. Liberty, 1982.

HAIL TO ENGLAND. Neat Records, 1983.

MÖTLEY CRÜE. "Too fast for Love". TOO FAST FOR LOVE. Emi/Odeon,

"Take Me to the Top" 1984.

"Merry-go-round"

"Live Wire"

MOTÖRHEAD. "Dead men tell no tales". BOMBER. Bronze/Fonobrás,

"Sweet Revenge" 1979.

"Bomber"

"(We are) the Road Crew". NO SLEEP 'TIL HAMMERSMITH.

"Overkill" Bronze/Ariola, 1982.

"Go to Hell". IRON FIST. Bronze/Ariola, 1983.

"Heart of Stone"

"Loser"

"Sex and Outrage"

"Speedfreak"

"America"

"(Don't need) Religion"

"Bang to Rights"

"Shut it down"

NINA HAGEN. "Dread Love". NUN SEX MONK ROCK. CBS, 1982.

"New York, New York". FEARLESS. CBS, 1985.

"My Sensation"

"Silent Love"

OZZY OSBOURNE. "Revelation: Mother Earth". OZZY OSBOURNE:

BLIZZARD OF OZZ. Epic/CBS, 1981.

PARALAMAS DO SUCESSO. "Óculos". O PASSO DO LUI. Emi/Odeon, 1985.

"Patrulha Noturna"

"Assaltaram a Gramática"

"Meu Erro"

"Fui eu"

"Romance Ideal"

"O Menino e a Menina"

PHIL COLLINS. "I Cannot Believe It's True". PHIL COLLINS. Emi/

"Take a Look At Me Now" Odeon, 1984.

"You Can't Hurry Love". PHIL COLLINS. WEA, 1985.

"One More Night"

"Don't Lose My Number"

PLASMATICS. "Stop". COUP d'ÉTAT. Capital Records, 1982.

"The Damned"

POLICE. "Synchronicity I".

"Synchronicity II"

"Mother"

"Spirits in the Material World"

"De Do Do Do, De Da Da Da". ZENYATTA MONDATTA. CBS,

"Every Little Thing She Does Is Magic"

"Walking On The Moon". REGATTA DE BLANCA. A & M, 1979.

"Every Breath You Take".

PREMEDITANDO O BREQUE. "Balão Trágico". O MELHOR DOS IGUAIS.

"Lua de Mel"

Emi/Odeon, 1985.

QUEEN. "Love of My Life". A NIGHT AT THE OPERA. Odeon, 1975.

QUIET RIOT. "Cum On Feel the Noise". METAL HEALTH. CBS, 1983.

"Metal Health"

"Condition Critical". CONDITION CRITICAL. CBS, 1984.

RÁDIO TÁXI. "Um Amor de Verão". RÁDIO TÁXI. CBS, 1984.

"Tempos Difíceis"

RITA LEE. "Ôrra Meu". RITA LEE. SIGLA, 1980.

"Lança Perfume"

"Nem luxo, nem lixo"

"Baila Comigo"

"Shangrilá"

"On The Rocks". BOM BOM. SIGLA, 1983.

"Strip Tease"

"Yoko Ono"

"Desculpe o Auê"

"Pirarucu"

"Arrombou o Cofre"

"Vírus do Amor".

RONNIE JAMES DIO. "Don't Talk To Strangers". HOLY DIVER.

"Stand Up and Shout" Mercury/Polygram, 1983.

"Straight Through the Heart"

ROUPA NOVA. "Fingir".

"Vôo Livre"

"Assim Como Eu"

"Tímida". ROUPA NOVA. RCA, 1984.

"Dona". ROUPA NOVA, RCA. 1985.

"Não dá"

"Fora do Ar"

"Com Você Faz Sentido". ROUPA NOVA. RCA,

"Whisky a Go-Go"

"Chuva de Prata"

"Sensual"

"Anjo"

"Clarear"

"Estado de Graça"

R.P.M. "Loiras Geladas". REVOLUÇÕES POR MINUTO. EPK, 1985.

"Rádio Pirata"

RUSH. "The Fountain".

"By-Tor and the Snow Dog". FLY BY NIGHT. Mercury, 1985

"Bastille Day". CARESS OF STEEL. Mercury, 1985.

SAXON. "Strong Arm of the Law". STRONG ARM OF THE LAW. Carrere,

"Heavy Metal Thunder". CRUSADER. Carrere, 1984. 1983.

SCORPIONS. "Still Loving You". LOVE AT FIRST STING. Polygram,

"Big City Nights" 1984.

"Crossfire"

"Rock You Like a Hurricane"

"Black Out". BLACK OUT. Polygram, 1982.

"Can't Live Without You"

"No One Like You"

"You Give Me All I Need"

"When the Smoke Is Going Down"

STING. "If you love somebody set them free". THE DREAM OF THE  
"Russians" BLUE TURTLES. CBS, 1985.

TEARS FOR FEARS. "Shout". SONGS FROM THE BIG CHAIR. Polygram,  
1985.

TINA TURNER. "Private Dancer". PRIVATE DANCER. Emi/Odeon, 1985.  
"We don't need another hero"

TITÃS. "Televisão". TELEVISÃO. WEA, 1985.  
"Massacre"  
"Homem Cinza"

ULTRAJE A RIGOR. "Marylou". NÓS VAMOS INVADIR SUA PRAIA. WEA,  
"Independente Futebol Clube" 1985.  
"Zoraide"  
"Jesse Go"  
"Inútil"  
"Nós Vamos Invadir Sua Praia"  
"Ciúme"  
"Rebelde Sem Causa"  
"Mim Quer Tocar"  
"Se Você Sabia"  
"Eu Me Amo"

U2. "Sunday, Bloody Sunday". THE UNFORGETTABLE FIRE. Island/  
RCA, 1984.

VENOM. "Welcome to Hell".  
"At War With Satan". AT WAR WITH SATAN.

WHITE SNAKE. "Guilty of Love". SLIDE IT IN. Odeon, 1984.  
"Love ain't no Stranger"  
"Slow an' Easy"